

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O QUE QUERO VER
2 de Dezembro de 2022

LAMERICA / 1994 *LAMERICA*

um filme de Gianni Amelio

Realização: Gianni Amelio / Argumento: Gianni Amelio, Andrea Porporati, Alessandro Sermoneta / Fotografia: Luca Bigazzi / Música: Franco Piersanti / Som: Alessandro Zanon / Montagem: Simona Paggi / Cenários: Mario Rossetti / Guarda-Roupa: Liliana Sotira, Claudia Tenaglia / Interpretação: Enrico Lo Verso (Gino), Michele Placido (Fiore), Piro Milkani (Selimi), Carmelo Di Mazzevoli (Spiro / Michele Talarico), Elida Janushi (primo de Selimi), Sefer Pema (governador da prisão), Idajet Sejdia (Dr. Kruja), Marieta Ljarja, Elina Ndreu, Ilir Ara, Liliana Subashi, Artan Marina, Vasjan Lami, Nikolin Elezi, Fatmir Gjyla, Elona Hoti, Besim Kurti, Esmeralda Ara, Luan Amelio, Shkelqim Daja, Dritan Alia, Elinor Cekliqi, Ferit Nuta, Klodian Rakaj, Saimir Tila, Marian Tifozi, Gezim Nutai, Altin Garupi, Gezim Garup, Ismail Kukaj, Nuredin Ujkaj.

Produção: Alia Film, Cecchi Gori Group Tiger Cinematografica / Produtores: Mario Cecchi Gori, Vittorio Cecchi Gori / Produtor Executivo: Enzo Porcelli / Cópia: em 35mm, cor, legendada em português / Duração: 116 minutos / Primeira apresentação pública: Setembro de 1994, Festival de Veneza / Estreia comercial em Portugal: 24 de Novembro de 1995 / Primeira exibição na Cinemateca.

LAmerica é apenas um dos vários filmes do realizador italiano Gianni Amelio (Calabria, 1945) que teve grande acolhimento junto do público e que, à semelhança de duas obras anteriores, conquistou o Felix de melhor filme nos European Film Awards, o mais importante prémio atribuído pela Academia Europeia de Cinema, a versão europeia dos Óscares. Mas os prémios têm sido uma constante numa obra que atravessa os domínios do documentário e da ficção, pois Amelio desenvolveu desde cedo um interesse particular pelo cinema documental, tendo trabalhado ainda nos anos sessenta com realizadores como Vittorio De Seta. Em 1978 **La morte al lavoro**, filme que realizou para a televisão, foi premiado em Locarno, **Il ladro di bambini** (1993) ganhou o Prémio Especial do Júri no Festival de Cannes e **Così ridevano** (1998), já posterior a **LAmerica**, ganharia o Leão de Ouro no Festival de Veneza de 1998.

No caso de **LAmerica**, a crítica não foi totalmente unânime, opondo aqueles que defendiam o filme sem reservas e algumas outras vozes mais críticas, que acusavam **LAmerica** de uma certa exploração dos sentimentos, comum a experiências mais comerciais. Na realidade, o tom geral de **LAmerica** é o de um épico ficcional melodramático de fundo realista, cujo realismo é enfatizado pelas imagens documentais que abrem o filme, proporcionando-nos uma “lição de história” sobre a crise de refugiados albaneses do início dos anos noventa e sobre a história da Albânia no século XX e as suas

relações com a vizinha Itália, país de onde são oriundas as duas personagens que protagonizam o filme e o próprio realizador.

Amelio ancora a narrativa numa Albânia extremamente pobre, posterior à queda do regime comunista, onde se experimentavam os primeiros ventos do liberalismo e se davam os primeiros passos na construção de uma democracia. Uma história que hoje, passados tantos anos, continua a ser extremamente actual do ponto de vista político, tendo em conta as actuais crises de refugiados e a sua relação com questões tão prementes como a pobreza e a exploração e violência exercida sobre os migrantes e os sem papéis, questões que a viagem dos dois protagonistas do filme levanta à medida que a própria narrativa avança.

Há quem tivesse olhado para **LAmerica** na perspectiva dos dilemas da esquerda face à queda dos regimes comunistas no final dos anos oitenta e à ascensão do liberalismo, com tudo o que lhe estava associado, mas esta é no fundo a história de dois burlões numa sociedade extremamente pobre, que querem tirar partido da miséria alheia. No caso de Amelio, importava-lhe sobretudo a questão das migrações, que marcou toda a sua vida, dado ser filho de pai emigrante, que aos dezoito anos partiu para os Estados Unidos e nunca mais regressou a Itália, o mesmo acontecendo com tios e outra família. Numa entrevista à revista *Positif* por altura da estreia do filme, Amelio conta um episódio que marcou a sua adolescência, quando foi esperar um tio e os seus primos recém-regressados da Argentina ao porto de Nápoles, e descreve como o impressionou a absoluta pobreza com que chegavam, com apenas a roupa do corpo, vestidos para o Verão argentino que os fazia enregelar no Inverno italiano, pelo que até a meteorologia lhes era hostil. Percebemos assim como, mesmo que de modo algo enviesado, Amelio pôs em cena a história do seu pai, que partiu para a “terra prometida” à procura de um futuro melhor, e o título do filme é inequívoco nesse sentido.

Numa busca de realismo o realizador recorreu a actores maioritariamente amadores, vários deles encontrados nas ruas da Sicília, terra tradicionalmente associada à emigração italiana e terra natal das personagens que protagonizam o filme, e esse é aliás uma das grandes virtudes do filme, que encontra protagonistas à altura da história que conta.

Frequentemente descrito como autor de um cinema dos sentimentos (pense-se no título de uma monografia que foi dedicada a Amelio em Itália, *Raccontare i sentimenti. Il Cinema di Gianni Amelio*), no caso de **LAmerica** o realizador acaba por recair em momentos de um excessivo sentimentalismo. Pensamos na sequência final, a da sucessão de grandes planos de rostos dos migrantes que partem de barco, cujo acompanhamento musical enfatiza o tom épico do filme, mas de alguma forma contradiz o seu almejado “realismo”.

Joana Ascensão